

Incidência da matriz simbolizante no organismo: o advento da fala

Angela Vorcaro*

A proposição saussureana da Teoria do Valor permite, ao ser relida com a hipótese psicanalítica de que a linguagem é condição do sujeito, distinguir a operação de incorporação de uma primeira articulação significativa. Esse desdobramento da hipótese psicanalítica que distingue a implantação de uma matriz simbólica no organismo (antecedendo, necessária e logicamente, o posterior advento da fala), encontra ressonância na afirmação saussuriana de que qualquer elemento simbólico só se define pelas relações de vizinhança que lhe dão lugar, antes que sejam ocupadas por seres ou coisas. Afinal, segundo Saussure, a língua é um sistema de valores articulados, em que o valor de um termo resulta da presença simultânea de todos os outros, em que, portanto, as relações diferenciais se determinam reciprocamente.

Para dar plena vigência ao estatuto estrutural dessa perspectiva, aberta pela Teoria do Valor, é necessário considerar a distinção da linguagem maternante, fundada no laço que ata um organismo humano ao sujeito cuidador, diferenciada de língua propriamente dita, que nomeamos língua materna, apesar de se estabelecer por meio desta. Podemos construir a hipótese de que, em seus efeitos sobre o organismo, a linguagem maternante fundaria uma matriz simbólica, entendida como funcionamento significativo mínimo implantado no organismo, fazendo o leito para o posterior funcionamento da língua por meio de uma relação temporal que podemos chamar de embalar andante. Tal temporalidade é organizada, determinada e comemorada por meio da motricidade e da articulação fonemática. Entretanto, o que essa hipótese visa ressal-

* PUCSP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

tar, com vistas ao trabalho clínico sobre psicopatologias que se distinguem na linguagem e na fala, é a possibilidade de esse registro temporal, com função de escansão na cartografia corporal operada pelo cuidador da criança, ser eixo estruturante do campo simbólico.

Partindo de referências de Lévi-Strauss e Saussure, Jacques Lacan afirma que uma organização inscreve linhas de força iniciais antes que o sujeito possa fazer qualquer dedução. As relações primárias se prendem ao que a natureza oferece como suportes dispostos em oposição. Assim, a natureza fornece significantes que estruturam e modelam a organização inaugural das relações humanas. Portanto, antes de qualquer formação de um sujeito que se situa nessas relações por meio de seu pensamento, o jogo operatório do significante age de maneira pré-subjetiva. Por estar incluído nesse jogo operatório, sendo nele contado, o ser pode vir a ser contado.¹ Estas afirmações de Lacan permitem depreender que é com a materialidade oferecida por sua própria natureza que o organismo sofre os efeitos de sua desnaturalização a partir do momento em que a ordem simbólica passa a regular sua economia.² Assim, o organismo inicialmente obedece a uma univocidade de signos, pressupostos por sua mãe como partilhados com seu filho, numa linguagem capaz de realizar uma fusão imaginária com ele.

Vejam, com mais detalhes, as condições do campo em que o organismo está mergulhado, ao nascer e as operações que fazem, da língua, uma linguagem operante na constituição do sujeito.

1 A alternância circular e recíproca

Ao ser desalojado da condição parasitária em que se situava no ventre materno, o neo-nato humano, que é pré-maturo no que diz respeito a sua condição de adaptação vital,³ manifesta sua insuficiência na tensão orgânica que se precipita em descarga. Mas a substituição desse estado de tensão depende do cancelamento do estímulo, que só é possível mediante a intervenção que o elimine, exigindo uma ação específica que forneça a provisão necessária. Incapaz de levar a cabo essa ação específica, o organismo humano depende de que sobrevenha o auxílio daquele que reconhece, na descarga, a advertência do estado de mal estar em que a criança se encontra.⁴

O agente materno toma as manifestações orgânicas como marcas lidas como mensagem, apagadas pela resposta oferecida e balizadas por precauções que as evitem. As manifestações vitais são tomadas como signos, marcas que representam um ser para alguém. Portanto, a resposta do agente materno às manifestações do organismo é imposição que sobredetermina a inserção do ser no campo da linguagem. Assim, seu fluxo vital manifesto em grito, ganha os atributos diferenciais que um outro lhe confere.⁵ O campo simbólico que precede o neonato recorta sua condição de real e faz dele um semelhante ao torná-lo representável no campo de alguém – a mãe, antecipando seu tempo de efetuação estrutural.⁶ O grito da necessidade é, assim, transformado em demanda de um sujeito. A esta demanda, o agente responde, trazendo o apaziguamento.⁷ Na fugacidade desse ato de supor um sujeito no grito situa-se o ponto de inseminação no simbólico. Por um lado, a interpretação materna dada ao grito anula a necessidade; por outro lado, o grito, resultante de uma tensão orgânica, é elevado à função de demanda, interpretado como signo de presença de um sujeito desejante.

A criança estabelece uma condição parasitária ao corpo da mãe, posto que nada diferencia, para a criança, a alteridade. A manutenção do registro passivo da diferença de estados do organismo de descarga tensional e de apaziguamento é funcionamento que regula a manutenção da vida na mais baixa tensão possível, conferindo ao princípio do prazer uma condição de saber orgânico da subsistência.⁸ Os objetos da satisfação oferecidos à criança alojam-na em uma posição de alienação plena, onde se inscreve somente o registro de uma diferença entre dois estados que se recobrem. A possibilidade do apaziguamento permitir a cessação do estímulo adverso que provoca tensão permite fazer funcionar a alienação numa alternância de reciprocidades que se opõem ao mesmo tempo em que se anulam, e portanto, se equivalem. Não há descontinuidade nessa circularidade. A relação de mera oposição alternante sobrepõe-se em continuidade recíproca. A diferença posta em jogo de alternância, é renovação onde a possibilidade da ausência é segurança da presença. Por não implicar existência positiva, apenas reenvia à relação entre termos quaisquer, logicamente anteriores às propriedades dos termos presença e ausência que não têm nenhum valor determinado, nenhuma significação, mas que se

¹ J. Lacan (1964), *Seminário XI*, op. cit., p. 25-6.

² Charles Melman, *Questions de clinique psychanalytique*, Séminaire de l'année 1985-6, 10 de outubro de 1985, AFI, Paris.

³ Em: J. Lacan (1962-3), *Seminário X*, *L'angoisse*, inédito.

⁴ Cf.: S. Freud (1895), *Projeto de psicologia*, op. cit., p. 362.

⁵ Cf. J. Lacan: "Position de l'Inconscient", *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p. 845-848.

⁶ J. Lacan (1964), *Seminário XI*, op. cit., p. 181.

⁷ Cf. Marie-Jean Sauret, em seu livro: *De l'infantile à la structure*, op. cit.

⁸ Cf. Lacan (1969-70), *Seminário XVII*, *O avesso da psicanálise*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p. 14.

determinam reciprocamente na relação diferencial em que se reen-
viam um ao outro. É o que sustenta a condição mínima para a pos-
sibilidade simbólica estrutural, ou seja, ao que virá a ser um siste-
ma que não conhece igualdades.

O funcionamento simbólico acéfalo do organismo faz, assim,
o leito estrutural necessário para a entrada em jogo do real. A alie-
nação simbólica é, portanto, o leito em que se situa a cadeia signifi-
cante que comanda a presentificação do assujeitamento do ser, o
lado desse vivo chamado à subjetivação⁹ que dispõe do funciona-
mento sincopado antes de engajar-se na linguagem ou de aí locali-
zar um semelhante.¹⁰

2 O engajamento do organismo no apelo invocante: a escansão

O próprio funcionamento ritmado da alternância, operada
pelo agente materno, acaba por realizar uma defasagem que se
inscreve entre os termos diferenciais, fazendo incidir lacuna, alte-
ridade real, na relação rítmica em que um termo anulava o outro
alternadamente. Afinal, diferentemente da criança, ainda infans, a
mãe está totalmente submetida à linguagem, ou seja, funciona sob
a lei do significante, que não equívale a nenhum outro significante,
nem a si mesmo. O desencontro de uma reciprocidade entre os
termos alternantes marca a exclusão de um destes, cortado pelo
adiamento ou pela precipitação da alternância. Diante desta hiân-
cia que marca uma defasagem temporal, o infans é premido a
ocupar esta posição vazia. Ele o faz por meio do grito, que substi-
tui o termo sustentador da alternância, que não compareceu em
seu lugar, onde já podia, pelo funcionamento alternante, ser espe-
rado. Assim, a defasagem no funcionamento da alternância esten-
de o grito à posição de substituto daquela. A relação de oposição
presença-ausência, sustentadora da alternância que articulava os
termos é rompida. A hiância acidental na sustentação dessa pri-
meira estrutura simbólica, em que falta o que ainda não está repre-
sentado, pontua o encontro faltoso, fisingando o ser antes que ele
possa figurar o que escapa a sua apreensão. Instaure-se a situação
de privação, antes de o sujeito ser subjetividade, primeiro passo e
ponto mais central da estrutura da identificação do sujeito¹¹. Na
condição de privação, algo falta em seu lugar, falta só é apreensível

por intermédio do já estruturado, onde algo inominado falta na
posição esperada. O grito que se faz apelo ao retorno da coisa al-
ternante é corpo que se oferece ao que falta na alternância simbóli-
ca.

Assim, na dupla de termos alternantes, a incidência de uma
falta localizará a impossível sustentação da automaticidade tensão-
apaziguamento. A articulação da criança no registro do apelo a
situa entre a noção de um agente que participa da ordem simbólica
e o primeiro elemento de uma ordem simbólica – o par de termos
opostos em cadeia. O apelo assume função antes de ser percebido
como tal e antes de se distinguir um eu e um não-eu. Trata-se da
atualização, na experiência, da estrutura mínima do significante,
que agora incidirá no infans, como real, traçando o recalque origi-
nário. A estrutura se diferencia num ponto singular, em que a dife-
renciação significativa estrutural é uma intervenção (adia e precipi-
ta) temporal que desnaturaliza o Outro.

A condição de falta demarca um lugar, introduzindo um tra-
ço. No momento em que a criança encontra a falta num dos termos
da estrutura simbólica constituída por alternância do casal primi-
tivo de articulação significativa, a coisa desconecta-se de seu grito,
elevando-o à função de demanda no grito-significante-da-coisa. O
grito de apelo, opera a primeira substituição do infans: a falta faz
deslizar o grito de apelo com o que preencheria a hiância. Isto que
se desprende como grito, que se separa do infans passando por um
orifício do corpo, ultrapassa a função fonatória do organismo, é
referência invocante, resquício de um objeto indizível, que faz des-
sa emissão o que não pode se dizer. Assim, o sujeito aparece no
que lhe faz alteridade: no que o primeiro significante – o grito –
incide como sentido, significante unário que, por só poder se pres-
tar a intimar uma recuperação, não se faz equívale a ela, apenas
traça sua falta. O grito, urgência do retorno à anterioridade, busca
de apagamento da falta. O que se introduzirá na leitura do grito
será, doravante, substituto que só se diferenciará por não atingir
jamais identidade plena, será suporte de uma diferença que marca-
rá o arrancamento do sujeito de sua imanência vital reincidindo no
ciclo da repetição. Assim, em todas as diferenças qualitativas dos
objetos substitutivos se mantém uma unicidade: reinscrevem seu
estatuto diferencial para com a satisfação mítica que deu origem à
série, balizando o contorno desta falta inassimilável. Neste mo-
mento de virada da relação primordial, que claudica pela introdu-
ção do real, insere-se a virtualidade da coisa perdida surgida do
nada enquanto busca de reencontro.

⁹ J. Lacan (1964), *Seminário XI*, op. cit., p.194.

¹⁰ Idem, *Ibidem*.

¹¹ J. Lacan (1961-2), *Seminário IX*, *L'identification*, lição de 07/03/62, inédito.

O apelo é dissimétrico à falta; a resposta do agente é dissimétrica ao apelo. Um intervalo sustenta a margem do recobrimento que nada reverte ou anula. Na borda em que a resposta se efetua enquanto uma não-correspondência inversamente idêntica ao apelo, o intervalo diferencial mobilizará a repetição.

A emergência da equívocidade¹² deve-se à apreensão, pela criança, dessa exclusão. A opacidade dessa exclusão passa a comandar o funcionamento linguístico que, doravante, articula essa opacidade real. A esse respeito, vale notar com Lacan,¹³ que o discurso articulado de um sujeito remete-se à resistência primeira de um núcleo Real, antecedente ao advento do sujeito. Fundado sobre a identidade perceptiva da falta, o núcleo real autentifica a realidade permitindo o despertar do sujeito. A condição traumática desse núcleo é efeito de uma defasagem: a satisfação da necessidade não vem a tempo – cedo demais ou tarde demais –, causando excesso ou escassez de prazer,¹⁴ marcando a ranhura primitiva que queima o ser atingido pela marca do desejo. Essa queda desapercibida orientada pela falta, faz bater a pulsação que a reconhece a cada repetição, mantendo ignorante essa rachadura, sempre reencontrada nas camadas que tentam suturá-la, que fazem dela uma nadificação ativa. Nessa perspectiva, a capacidade do trauma é a repetição de algo faltoso, irrepresentável, que, ao fazer resistência à significação, demarca a reserva inconsciente a qual a sintaxe irá se articular. Isso quer dizer que o recalque primário que incide sobre a criança não se refere ao recalque de um elemento específico rejeitado. O que dá origem ao sujeito é a incidência da barra – suscetível de vir a atingir qualquer elemento literal, levando-o à posição de recalcada. Sobre a vigência dessa barra o Outro torna-se corpo constituído de elementos materiais: letras em posição Outra. As letras são, portanto, signos da falta de gozo, tomado como tal *après-coup*, após o golpe da barra que faz supor que teria havido, antes, uma plenitude. Por marcarmos o que falhou do gozo, apenas os signos desta falta se oferecem como refúgio escavado no Outro, constituindo um abrigo para o sujeito.¹⁵

O recalque primário é essa operação de interdição do gozo, que permite especificar a língua materna por seu traço negativo. Portanto, a língua materna é, segundo Melman,¹⁶ a língua na qual, para aquele que a articula, a mãe foi interditada, ou seja, a

língua na qual funcionou o interdito da plenitude daquele que fala. A língua materna, portanto, é inteiramente organizada por esse interdito que imaginiza o impossível próprio a toda língua. O recalque do desejo e dos significantes que viriam presentificá-los são conseqüências deste interdito. A partir desse instante, o funcionamento da língua na fala vêm lembrar esse corpo interditado, que permite, nos lapsos, deslizes e tropeços, dizer o desejo inconsciente. O inconsciente se representa como um corpo materno do qual a livre disposição é interditada, mas que deixa escutar o desejo que lhe é inerente, que lhe ficou enganchado. Assim, a língua deve sua significância a esse interdito, e por isso ela permite, nas formações do inconsciente, a manifestação de um desejo. O estoque das unidades significativas inconscientes retorna na fala, dando a escutar a nostalgia do impossível, que escapa e retorna somente a seu próprio modo. A despeito do esforço que as formações do inconsciente deixam entrever, o desejo de um sujeito é sempre desejo de outra coisa, mantendo a propriedade original da língua de ser sempre Outra, indomável.

Melman lembra, enfim, que nada assegura a identificação do desejo na língua, que assim mantém o sujeito sempre no exílio. Mas, ao mesmo tempo, o próprio autor reconhece que, na língua articulada por um sujeito, algo assegura um traço identificatório. Isto porque, além da sustentação da significância na qual a fala funciona, uma outra escala tem lugar: o canto da fala. Trata-se da música da língua materna, imprimida naquele que fala, que é apreensível especialmente quando o sujeito, diante de uma língua estrangeira, conserva a entonação de sua língua materna, recusando-se a abandonar seu canto, ou seja, mantendo a entonação que vem lembrar a mudez do desejo ao qual se está condenado.

Diferentemente de Melman, considero aqui a hipótese de que a entonação marcada na fala do sujeito ao falar uma língua estrangeira torna distinguíveis resíduos de inscrição da língua maternante, saldo de escansões¹⁷ do andamento audíveis pela sonoridade da língua materna do sujeito ao articular a língua estrangeira. Talvez, seja o que os sintomas de disfluência, tiques de pontuação, o holo-fraseamento presente nos autismos, psicoses, debilidades e mesmo a estranha fala da criança com síndrome de Asperger comemoram: uma certa modalização da escansão operada pelo Outro no organismo infantil.

¹² Cf. Charles Melman, *Questions de clinique psychanalytique, Séminaire de l'année 1985-86*, 10 de outubro de 1985, AFI, Paris.

¹³ Jacques Lacan (1964), *O Seminário*, livro XI, *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 70.

¹⁴ Idem, Sem. XI, p. 71.

¹⁵ Charles Melman, *Imigrantes*. São Paulo: Escuta, 1992.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Cabe lembrar que escandir, do latim *scandere* (subir, de degrau em degrau) significa decompor um verso em seus elementos métricos; destacar bem, na pronúncia, as sílabas de um verso ou de uma palavra. Cf. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*.

Tal como a língua, a música também é feita de elementos discretos e tem uma significância. Apesar dessa significância não estar organizada por um interdito, nem tudo é permitido. O que rege a sucessão que organiza a música é uma certa relação matematicamente estruturada de seus elementos discretos entre si. Assim, a velocidade da música conta com a indicação gráfica de andamento. A invenção do metrônomo, e antes deste, o uso do pêndulo, socializou o andamento, que passou a ser especificado em termos de unidades métricas por unidades de tempo passíveis de aferição.¹⁸

Também a música inerente à fala, é regida por esta relação matemática fixa, calculada e ordenada, que não chega a ter voz, mas que veicula um apelo, pela entonação.¹⁹ Minha hipótese é a de que resta, num sujeito falante, um resíduo da linguagem materna, dada pelo que Melman chama entonação, mas que prefiro localizar como andamento, onde o registro do compasso materno se imprime no organismo da criança, no Outro-erotismo que estabelece a temporalidade. A escolha pelo termo andamento, deve-se a que este sempre apresentou a marca do afeto corporal de deslocamento. Antes da invenção do metrônomo ou do uso do pêndulo, a referência do andamento musical era a pulsação cardíaca, o passo, a respiração e a dança, que fazia a temporalidade da peça musical depender da temporalidade daquele corpo que a executava.

Ressalto esta referência ao afeto temporal no corpo que alude o engajamento do infans nos gestos que fazem ato. Pode-se supor que os cuidados maternantes que contém o corpo do bebê articularem, por meio do andamento, a matriz estruturada num cálculo temporal que imprime escansões no organismo, estabelecendo uma regularidade Outra que segmenta seu fluxo vital coagulando-o, definindo esperas, urgências, sobressaltos e síncopes que discretizam e organizam elementos de uma forma singular que engaja um gozo acéfalo e define uma superfície corporal. Desse lugar, antes que advenha um sujeito por efeito de um interdito que o coloca na ordem significativa da língua e lhe oferece o abrigo de uma significância, um leito organiza-a, preparando segmentos em seguimentos.

Dessa perspectiva, um gesto vocálico articulado ou qualquer outro movimento organizado engaja um agente que, nesse momento, não coincide com o sujeito, ainda por vir, mas que pode-

mos chamar de bebê, inibindo a função natural por meio da interceptação do seu fluxo orgânico em doses capazes de regular o corpo como superfície de trocas. Conter ou desprender são modalidades de apelo e de resposta oferecida à demanda articulada pela mãe, implicam uma estruturação de funcionamento que ultrapassa a função orgânica. Se, como lembra Lacan,²⁰ tal funcionamento é constatável de modo bastante evidente no chamado estágio anal, podemos observar que ele é posto em jogo pelo bebê desde as primeiras produções sonoras que ocluem, por meio do tensionamento que modula e pontua, a emissão de ar.²¹

O jogo infantil em que a criança é embalada pelo adulto, parece indicar esse funcionamento num só tempo conservado e perdido. Trata-se, do que opera no jogo lingüístico do embalar andante em que se puxa uma fralda sonora. Fralda sonora que permite entreouvir um traço de presença subjetiva: a espera antecipadora da surpresa de uma descontinuidade. Essa defasagem demarca um lapso no qual a criança se engaja em re-experimentá-lo no jogo do andamento definido pela articulação sonora. Podemos constatar, aí, que o fígamento da pulsão invocante prescinde do sentido – a não ser que o sentido seja tão somente, nesse momento, a seta direcional dada pela repetição automática segmentada por avatares do andamento que a escandem. Nesse solo, a surpresa é vertiginosa ao mesmo tempo em que nessa vertigem um acréscimo de gozo pode ser contado. Se é por isso que a surpresa de uma mudança de andamento é esperada, o gozo é o de ser objeto implantado no funcionamento de alguém ao mesmo tempo em que é quase possível apropriar-se da experiência da escansão. Temos assim a recuperação do gozo por estar alienada à plataforma do andamento imposto, coincidindo com re-vivência do instante que demarca a exclusão em que a criança se separa. É o que permite considerar que esse jogo testemunha a incidência da pulsação inconsciente, nos primórdios de sua constituição como efeito de linguagem.

¹⁸ Desde o barroco tardio, o andamento é indicado pelo uso de modelos italianos de instrução de andamento, que sugerem também a atmosfera emocional em que a peça deve ser executada. Em: *Dicionário Grove de música*, editado por Stanley Sadie. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

¹⁹ Em: *Imigrantes*. São Paulo: Escuta, 1992.

²⁰ Jacques Lacan, Seminário X, A angústia, 1962-3, inédito.

²¹ A articulação da voz como objeto pulsional e sua relação com o andamento será objeto de outro trabalho.